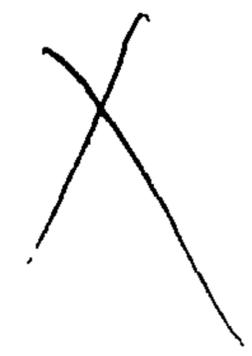


PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 2

Título: "UM HOMEM"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): CARDOSO, ONELIO JORGE

Adaptador: ?

Realizador: ESTEVES, BASTELA

Locutor: ?

Data de produção: 22/7/1975

Data de Emissão: 28/7/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
GOSTA FERREIRA	MULATO
LUIS SANTOS	GUADALUPE
TOMÁS DE MAEEDO	BONGO
JOSÉ BRÁS	TENENTE
ÁLVARO FÁRIA	1ª VOZ
	2ª " "

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Répis

(V.S.F.F.)



Notas:

-DIREC ARTÍSTICA - ROGÉRIO PAULO

Indexação: -TEATRO RADIOFÔNICO

Onelio Jorge Cardoso

Foi com o maior prazer que eu, Rogério Paulo, aceitei dirigir para a E. N. esta obra de Onelio Jorge Cardoso, por ~~duas razões.~~ ^{uma} porque ~~os portugueses tomaram~~ ^{os portugueses tomaram} contacto com um dos mais importantes escritores cubanos actuais; a segunda porque se trata de um amigo pessoal e que foi meu companheiro de júri no Premio Casa das Américas deste ano de 1975 em Havana.

- Onelio Jorge Cardoso, contista cubano, nasceu em Calabazar, Las Villas, Cuba em 1914. Depois de terminar a sua educação secundária ~~deu-se a vários~~ ^{deu-se a vários} empregos: professor rural, vendedor de produtos farmacêuticos, ~~estudioso de~~ ^{técnico de fotografia}. Durante ~~vários~~ ^{alguns} anos escreveu para a rádio e realizou ^{um} labor jornalístico. A sua obra ^{de contista} ~~de contista~~ ^{mereceu} distinções e prémios nacionais e foi traduzida em alemão, búlgaro, checo, chinês, francês, inglês, romeno, russo e ^{português} ~~português~~ por vários países socialistas e da América Latina. Foi vários vezes membro do júri dos prémios literários da União de Escritores e Artistas de Cuba e da Casa das Américas. É actualmente Conselheiro Cultural ~~da~~ ^{na} Embaixada de Cuba no Perú.
- Obras principais: - Taita, diga usted cómo (contos, 1945); El cuentero (contos, 1958); El caballo de coral (contos, 1960); La otra muerte del gato (contos, 1964); Abrir y cerrar los ojos (contos, 1969); El hilo y la cuerda (contos, 1974); Caballito Blanco (contos, 1975).

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROG. ° 525	PROGRAMA 1º
DATA DE 14 JUL 1975	DE 28/7/75
PE	15-15 HORAS
ALR 22/7/75	VI-TO
HORA 9-30	
NÚM. DE CRIATIVOS	
DE CRIATIVOS	

MINI-TEATRO

~~"EN LA CAJA DEL CUERPO"~~

"Um Homem"

de Onelio Jorge Cardoso

Intérpretes:

MULATO

GUADALUPE

CONGO

TENENTE

PRIMEIRA VOZ

SEGUNDA VOZ

1. - Música
2. - LOC.1 - Mini-Teatro.
3. - FADE IN - FADE OUT
4. - LOC.2 - De Onelio Jorge Cardoso, escritor cubano
5. - LOC1 - "EN LA CAJA DEL CUERPO"
6. - Música
7. - MIXING COM RUÍDOS DE AR LIVRE. SENTE-SE UMA ASSISTÊNCIA COMO NUM CAFÉ OU NUMA TABERNA. NÃO COM INTENSIDADE, JÁ QUE O NARRADOR ESTÁ A SER ESCUTADO.
8. - MULATO - Conhece-se o ofício de um homem se se olhar para ele com atenção. Cada um tem na presença do seu corpo o que de maneira ocasional lhe transmitiu, com o passar dos dias, a luta da vida. Olhe, faça a prova, vá onde houver cais e mar e veja os pés nus dos que andam no mar. Garras, o que se diz garras. Um pé que tem de passar a vida à procura das partes sólidas do que se move debaixo da quilha, torna-se um pé marítimo. Um homem, pois, mede-se por um pedaço vivo dele, ou por um pedaço morto que viveu mais do que os outros. Mas vejam, tudo isto não valia de nada diante do velho Guadalupe. Ele era seco, o mesmo de ombros, pequeno e cor de azeitona, uma cor que lhe vinha de magia para ocultar os seus anos e, além do mais era um dali, da aldeia, por quem vocês podiam passar mil vezes e não saber nunca o que uma vez foi capaz de fazer. (1 TEMPO).

Assim, assim era o homem que eu conheço!

Mas quem vai perceber isso? Quem sabe o que está pegado por detrás das costelas ao coração dum homem?

Foi este o caso de Guadalupe e conto - o porque certamente os senhores perguntarão, como eu, em que

- parte do mundo se pode achar um homem completo, ainda que não diga a sua aparência física. Pois vejam, então. Aquilo começou numa tarde, quando mandava aqui Lopez Rosa e eu tinha ido a casa de Guadalupe com um recado de D. Jacinto para que fosse domar o potro novo. Disse estava eu a falar ao velho quando o Tenente entrou, a mão estendida para Guadalupe e, sem me olhar, a mim.

9. - GUADALUPE - Veja, Tenente, que tenho um amigo em casa.
10. - MULATO - E o Tenente disse-me
11. TENENTE - Desculpe!
12. - MULATO - E estendeu-me a mão esquerda, como por favor. Depois voltou-se para Guadalupe, que já tinha metido mãos ao trabalho que, nessa manhã, era terminar uma cabeça nova.
13. - TENENTE - Venho pedir-lhe um serviço, Guadalupe, mas vai prestá-lo mais a Cuba do que a mim.
14. - GUADALUPE - O senhor Tenente dirá.
15. - TENENTE - Direi se estivermos sós. São coisas de serviço.
16. - MULATO - Guadalupe não levantou a cabeça mas falou com a voz firme e tranqüila de quem não tem senão uma opinião sobre as coisas.
17. - GUADALUPE - Diante dele pode falar tudo o que tenha ligação comigo.
18. - MULATO - E o Tenente olhou-me outra vez e eu teria jurado que se iria embora mas, como nessa manhã trazia uma coisa grande a casa de Guadalupe, ficou calado um momento e depois voltou à sua.
19. - TENENTE - Ouvia falar do Congo, Guadalupe?

20. GUADALUPE - Sim.
21. TENENTE - Bom, eu não quero diminuir os meus, mas é preciso dizê-lo: no posto não tenho um homem com condições para o apanhar vivo ou morto.
22. MULATO - O velho deixou então a corda e levantou a cabeça mansa, ainda com os dois feijõesinhos dos olhos, como a dormirem.
23. GUADALUPE - E que é isso de que não tem homem e precisa de mim, Tenente.
24. TENENTE - Há tempo que o conheço, Guadalupe, e agora todos os dias me digo: se alguém me traz até à porta do quartel, o Congo, preso, é o senhor. Estamos ou não entendidos?
25. GUADALUPE - Não, Tenente, não estamos.
26. MULATO - Disse-o calmamente, olhando de lado para a mesa onde, enquanto falava, punha a cabeçada já terminada. O Tenente, como de repente desamparado, ficou a olhar a corda com olhos que não viam, mas depressa recobrou o espírito e quase comeu o velho com perguntas.
27. TENENTE - Guadalupe, o senhor sabe, o de Tibisi Alto.
28. GUADALUPE - Sim.
29. TENENTE - Dois homens inutilizados para sempre e um morto. Parece-lhe bonito que se faça isso?! (2 TEMPOS). Pois foi o Congo. Isso sabe-o toda a gente e até as pedras o apregoam. É a mulher do Emiliano? Não está o pobre aí na aldeia, que não quer voltar a casa, pensando que a mulher está viva e não morta, com uma bala do Congo?!

30. GUADALUPE - O homem está cego porque o desgosto é muito grande, Tenente, mas a si mesmo disse-lhe que ele disparou primeiro e depois meteu-se em casa para se furtar às balas do Congo. Uma veio e, sabe como são as balas, não disse para quem. A pobrezinha da mulher, que nem sabia...
31. TENENTE - Guadalupe, entenda, todos precisamos de si.
32. GUADALUPE - Tenente, o homem não me fez mal.
33. TENENTE - (MAIS ALTO) - Mata e rouba. Que quer mais? Ou é que você não condena os bandidos?!
34. MULATO - Desta vez Lopez Rosa subiu o tom de voz. Talvez nem ele mesmo se tivesse dado conta disso, mas o velho endireitou-se, virou a cabeça e foi pôr os seus olhos nos verdes do Tenente.
35. GUADALUPE - Não me faça dizer-lhe que, como não uso uniforme, tenho a sorte de ver os homens pelas duas caras que têm, Tenente.
36. TENENTE - Duas caras não as tem ninguém, Guadalupe.
37. GUADALUPE - O Senhor olha-os pelo lado em que têm de estar quietos, pelo lado em que não devem nem armar a mão nem metê-la em coisa alheia. Eu também os vejo por esse lado, mas depois?! Antes, conheço-os desde que a vida se lhes enreda e sabem que um juiz não pode dispor de toda a justiça de que necessitam.
38. TENENTE - Esse canalha anda a roubar há quatro anos.
39. GUADALUPE - Por um dia de fome que teve a família dele.
40. TENENTE - Guadalupe, que sabe o senhor?!

41. GUADALUPE - Tenho o ouvido na terra e venho da terra, Tenente. Além do mais, não tenho por cima alguém com mais galões e a mesma roupa que eu, para me fazer subir o sangue à cara porque não faço as coisas à sua vontade.
42. MULATO - Foi como pôr a palma da mão na boca duma garrafa cheia e virá-la para baixo. Tudo se alterou na cara de Lopez Rosa, mas logo se foi acalmando e, por fim, ~~se acalmou~~, disse ao outro.
43. TENENTE - Bom, com tudo isso, Guadalupe, vão-te caíndo os anos. Talvez o que não queiras fazer por vontade, te convenha por negócio. Que tal? Que tal se for um par de mil pesos para este assunto?
44. MULATO - Guadalupe ficou como se não o tivesse ouvido. Olhou primeiro para o boné do militar, que estava em cima da mesa e, depois, para a porta. Por fim, disse.
45. GUADALUPE - Tenente, se agora o senhor não me disser, sequer, adeus, será melhor. Ajude-me a pensar que hoje não estive em minha casa, que não veio aqui, nem o mulato o viu cá.
46. MULATO - O outro não disse nada. Fez o que o velho mandava. Voltou-se, pegou no chapéu e, lá fora, deteve-se de costas para nós, e só veio a sua voz porque aquilo que disse então não podia acompanhá-lo com a cara.
47. TENENTE - Guadalupe. Se um dia precisar de mim, mesmo que tenha morto um homem, vá procurar-me.
48. MULATO - O velho não respondeu nada, sacudiu das calças os fios de corda e afirmou-me.
49. GUADALUPE - Pois sim. Esse potro do D. Jacinto que tu dizes... Tem sobre mim a vantagem da juventude, mas diz-lhe que vou domá-lo.

separador

50. MULATO - No entanto, três dias mais tarde, Guadalupe agarrou o Congo.
51. VOZ 1 - Como?!
52. VOZ 2 - O homem deu o dito por não dito?!
53. VOZ 1 - Vendeu-se por dinheiro?!
54. MULATO - (CALMO, DOMINANDO O INTERESSE DA ASSISTÊNCIA)- Não. O homem não se vendeu. Teve necessidade, mas não por dinheiro. As coisas são como são e nem Deus nem ninguém se inteirou do assunto.
55. VOZ 2 - Então tudo isso é mentira.
56. MULATO - Mentira?! E aí está vivo o filho do seu compadre! Mentira?! E o testemunho do caso, o afilhadinho, que Deus o deixe crescer, está em casa dele e vocês podem vê-lo, se quiserem! Vamos, homem, deixem falar! Eu estou a falar dum homem completo em toda a sua estatura, e um homem assim não tem a mesma história dos outros, acontecem-lhe as coisas maiores e mais estranhas.
57. VOZ 1 - Conta, Mulato, conta.
58. MULATO - Foi no terceiro dia após a visita do Tenente.^x O compadre de Guadalupe mandou-lhe um mensageiro que a ninguém mais do que ao velho devia transmitir o recado, mas o homem perdeu a força porque estava muito acabrunhado e, com um soluço, disse-lhe também diante de mim.

59. COMPADRE - Ah, Guadalupe, o Congo tirou-me das mãos. Levou o garoto para a serra. Pôs-me o revólver aqui e não me servi dele para ^o me matar.
60. GUADALUPE - Serviste para o recado. Que mais?
61. COMPADRE - Nada, que está a pedir dinheiro por ele e lá nas colinas esperando que eu o leve.
62. MULATO - Guadalupe estava pálido mas, como sempre, um homem de uma só peça. Assim, moveu-se para a gaveta da mesa onde eu sabia que estava reunindo uns pesos para comprar um cavalinho novo ao afilhado. Pegou nos pesos e pôs-nos nas mãos.
63. GUADALUPE - Mulato. Dá isto ao Pedro e diz-lhe que me mande o revólver de que lhe estive a falar.
64. MULATO - Nunca fui a casa de ninguém mais depressa do que naquele dia! Quando estive de regresso com o pedido, disse a Guadalupe que me levasse com ele, porque eu sabia onde ia e para que ia e não queria pensar que se o matassem era porque cada um tem a sua sorte escondida por esses montes. Mas...o velho não quis.
65. GUADALUPE - Tenho o vício de andar só, Mulato. Agradeço-te.
66. MULATO - Que mais podia dizer? Que mais que ele não tivesse com que me responder? O caso foi que fiquei calado e depois vi-o sair da aldeia com o seu cavalinho, até que comecei a sentir-me mal se ficasse. Fiz o que fiz, porque outra coisa não podia. Segui Guadalupe de longe, sem que me visse, puxando a tempo o freio do cavalo, esporeando depois ou metendo-o com um encontrão entre as goiabeiras... e bem longe dele onde, se por acaso voltasse a cabeça,

- eu não pareceria mais que um homem e a sua montada. Mas, que eu o tenha visto, nem uma só vez voltou a cabeça. E sorte grande para vocês, sorte que o tivesse^{se} seguido, porque doutra maneira nunca saberia^o como foi aquilo, quando Guadalupe parou diante do Congo e lhe disse as coisas que lhe disse.
67. GUADALUPE - Congo. Pense que não és um covarde! Põe o rapaz onde não haja balas porque eu não te trago dinheiro.
68. MULATO - Eu estava dentro dum moita e um penhasco amparava-me o corpo. Posso dizer que ouvi claramente a voz de Guadalupe, tranquila como sempre, e que se abriu um silêncio então onde só o vento rumorejava numa palmeira. Em seguida, o Congo falou e, por muito que olhasse, não o vi.
69. CONGO - Tu não és quem espero. Vai-te e manda-o. Já está dito!
70. GUADALUPE - Por aqui, não há caminho para o que trouxer dinheiro, Congo. Não passa.
71. CONGO - Quer és tu?
72. GUADALUPE - Um homem qualquer - se estás a olhar!
73. CONGO - Para seres dos que contam, falta-te pelo menos o metro pelo menos. Vai-te embora, que só tens corpo para dar recados.
74. GUADALUPE - Não vim buscá-los. É pelo rapazito...e levo-o.
75. CONGO - De que maneira pode um morto levar alguém?
76. GUADALUPE - Que o saiba, ainda estou vivo.
77. CONGO - Sim, mas à tua cabeça está apontada a minha espingarda. Ou não acreditas?

78. MULATO - Guadalupe não respondeu. Ficou calado sem se mexer do lugar onde estava. Tive então o primeiro mau pensamento: o velho sabe que o Congo tira. Será que não o quer provocar? (1 TEMPO). Mas, em seguida ouvi a voz do velho e, então, a dúvida transformou-se em medo. Em medo que o matassem.
79. GUADALUPE - Um homem pôde ter a cabeça de outro na boca da espingarda e não ter razão. Porque não disparas, Congo?
80. MULATO - Meu Deus, que coisa aquela quando o disse! E logo em seguida, o silêncio. Agora, ^{de lá} do lado que estava o homem, seguia o vento soando o mato, onde só o diabo sabia o que o Congo ia responder ou se acaso estava a afinar bem a pontaria sobre a cabeça imóvel do velho. Mas Guadalupe calou-se o tempo necessário para esperar uma resposta. Como ela não vinha, com mais calma do que antes, acrescentou.
81. GUADALUPE - Eu digo que há duas maneiras, Congo. Uma má para tirar vantagem e outra para se sair limpanente e fazer as coisas com decência.
82. CONGO - Olha lá! Quantos homens tens escondidos no mato?
83. GUADALUPE - Nenhum!
84. CONGO - Como se eu fosse uma criança de mama! Vai fazer o que te digo!
85. MULATO - Desta vez gritou quase com raiva, como um trovão que vinha do sopé da colina, mas o velho demorou-se outra vez e começou, como quem quer ir pondo cada coisa no seu lugar.

86. GUADALUPE - Olha, Congo, o que eu tenho de fazer está diante de mim e não nas rinhas costas. Mas vou pensar mais um bocado de que estou a falar com um homem e que vais proceder duma maneira limpa.
87. CONGO - Cão! Não vez que me dá nojo matar um homem que se transforma numa pilha de palavras?!
88. GUADALUPE - Pois vais ter de continuar a ouvi-lo.
89. CONGO - Não, porque disparo!
90. GUADALUPE - Vamos, compadre, decide que me canso!
91. MULATO - Era o máximo que um homem podia fazer. Disse-o incrédulo, mas sem impaciência e também era mais do que o Congo podia suportar. Assim, pois, o aviso chegou como um grito e atrás o tiro.
92. CONGO - Olha! A mim não me matais os que vêm contigo. Toma!
93. RUÍDO DE TIRO
94. MULATO - Um tiro, com a sua nuvenzinha de fumo saiu da colina. Mas foi só no chapéu de Guadalupe, no chapéu que caiu para trás, como se a palmada mais rápida do mundo lho tirasse da cabeça. O velho ficou então como cravado na terra, porque, por muito calmo que seja um homem, uma bala é uma bala.
95. GUADALUPE ^{brugo} - Tiveste sorte. O vento ajudou-te!
96. ~~CONGO~~ - O quê?!
97. GUADALUPE - Medo!
98. CONGO - Mentira!

99. GUADALUPE - Um homem que não falha, e falha, tem medo. O vento não ajuda os homens.
100. MULATO - Outra vez se fez um silêncio no mato. Mais longo que nunca. Mais tremendo, porque o homem agora tinha de fazer qualquer coisa de raiz, de que disparar uma bala. No entanto, depois de esperar uns minutos longos como anos, o Congo saltou a pergunta acerca do que lhe estava a parecer uma loucura do velho.
101. CONGO - Por acaso, este rapaz que aqui tenho é teu filho?
102. GUADALUPE - Não. Precisa-se, por acaso, que a criança seja meu filho? Olha, Congo, cuide-se bem, não foi porque te quiseram fazer pagar demasiadamente caro o preço da comida que roubaste, que andas agora a lutar, porque continua o preço a parecer-te demasiado caro?
103. CONGO - Então, que interessa isso?
104. GUADALUPE - Interessa porque penso que, se algum dia foste homem para andar com a tua justiça à cintura, agora não serás tão covarde para te valeres, de que o rapaz está pelo meio. Entendes, Congo, estás a ouvir?
105. MULATO - Deus sabe o que ouvia e o que disse também o silêncio prolongado e triste que veio primeiro e, depois, aquele passo como de animal que se decide, como de animal que começa a descer uma encosta e vai dobrando caules e partindo os cipós, e abrindo as vagens secas, até que todo inteiro, a cara cheia de pêlos e as mãos como duas tenazes agarradas à espingarda, o Congo apareceu.

106. CONGO - Olha, o rapaz agora não está no meio!
107. MULATO - E levantou a arma e deu um grito. Só que Guadalupe tinha o revólver na mão e disparou imediatamente. *tiro o grito*
Ao Congo um perno foi para trás e caiu escapando-lhe a espingarda. (2 TEMPOS). Isso devia ser o maior, não é verdade? Pois o que fez sentir-se nu diante de gente foi aquilo que o velho gritou quando o viu cair.
108. GUADALUPE - Mulato, corre e tira-lhe a espingarda.
109. MULATO - É claro que o fiz. Lembro-me dos olhos do Congo. A sua bravez de contida e aquelas duas mãos apertando o joelho partido.
110. CONGO - Acabei de me matar! Que venha e acabe!
111. GUADALUPE - Quem disse?! Quem disse matar?!
112. CONGO - Mata-me, meu Deus! Não faltará quem te pague a velhacaria, varos! Depois recebes.
113. GUADALUPE - Mulato. Conheces em Cuba alguém que dê dinheiro pela vida do Congo?
114. MULATO - Bem, perturbei-me, é verdade. Agora as coisas eram comigo. Se aprendia alguma coisa acerca do velho, era saber o que às vezes pensava. Assim, olhei para o chão e, como quem puxa pela memória... ↷
115. MULATO - (MUDANÇA DE AMBIENTE RADIOFÓNICO) Não, não Guadalupe. Não há ninguém em Cuba que eu saiba. ↷

116. MULATO - (idem) Depois foi procurar o rapaz que se pegou ao padrinho como se o peito do velho fosse o outro lado do mundo onde o horror se acaba. E depois, quase mais nada. Guadalupe voltou para junto do Congo, falou-lhe de um seu conhecido que era gente que não dizia mentiras e que o trataria sem medo de denúncias. E regressámos à aldeia, com o rapaz à frente, na montada do padrinho e eu olhando-o. (1 TEMPO). Ah! Que coisa tão incrível aquele peito tão sem nada, onde não havia resto de nenhuma fadiga, só uma peça de homem.

117. SEPARADOR

118. LOC. 1 - A Emissora Nacional apresentou, na sua rubrica de mini-teatro, um conto do escritor cubano Onelio Jorge Cardoso, intitulado

119. LOC. 2 - "En la caja del cuerpo"

120. LOC. 1 - Adaptação de Álvaro Belo Marques

Direcção de:

Intérpretes:

121. MÚSICA FINAL



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Minitatro "Um Homem"*

Referência } N.º/R.P.L. *523-*
N.º S.P.P. ..

Episódio N.º
Datas } da gravação *22* de *Julho*
da 1.ª emissão *28* de *Julho*

de *19* às *9,15* horas.
de *1975* Programa *1.º - 15,15*

Director artístico *Rogério Paulo* (*Rogério Paulo*)

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Costa Ferreira</i>	<i>Mulato</i>	<i>Costa Ferreira</i>
<i>Luis Santos</i>	<i>Luadalupe</i>	<i>Luis Santos</i>
<i>Sousa de Macedo</i>	<i>Luaga</i>	<i>Sousa de Macedo</i>
<i>Jose Bras</i>	<i>Genete</i>	<i>Jose Bras</i>
<i>Delfino Bras</i>	<i>Primeira Voz</i>	<i>Delfino Bras</i>
<i>Alvaro Faria</i>	<i>Segunda Voz</i>	<i>Alvaro Faria</i>

Produtor *Castela Esteves* **Pessoal da Emissora Nacional**

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa *22* de *Julho* de *1975*